

O ATRAVESSAMENTO INTERDISCURSIVO DA AUTOAJUDA NO DISCURSO LITERÁRIO DE PAULO COELHO

*THE SELF HELP INTERDISCURSIVE CROSSING IN THE LITERARY DISCOURSE
FROM PAULO COELHO*

Ivi Furloni¹

Resumo: O presente artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado orientada pelo professor João Bosco C. dos Santos. Meu objetivo aqui é mostrar como o discurso literário, mais especificamente a obra *O Alquimista*, de Paulo Coelho, é atravessado pelo discurso de autoajuda. Por meio da análise de enunciados da obra em questão percebemos que o discurso de autoajuda se faz presente em diversos momentos como em que a personagem central, Santiago, encontra-se aflito ou desmotivado. Dessa forma, percebe-se que o discurso de autoajuda surge para incentivar e motivar o rapaz a não desistir de seus sonhos. A nosso ver, o referido discurso constitui esteticamente o discurso literário, balizando as ações do herói.

Palavras-chaves: Discurso Literário; Interdiscurso; Paulo Coelho.

Abstract: This article is a cut from my Master's dissertation guided by Professor João Bosco C. dos Santos. My goal here is to show how the literary discourse, more specifically the work *The Alchemist*, by Paulo Coelho, is crossed by the discourse of self-help. Through the analysis of the work's statements in question, we realize that the discourse of self-help is present in several moments as the central character, Santiago, finds himself distressed or unmotivated. In this way, it is noticed that the discourse of self-help arises to encourage and motivate the boy not to give up on his dreams. In our view, this discourse constitutes aesthetically the literary discourse, marking the actions of the hero.

Keywords: Literary discourse; Interdiscurso; Paulo Coelho.

Introdução

Paulo Coelho começou sua carreira literária na década de 1980, mais precisamente em 1982, com a publicação de *Arquivos do Inferno*. Mas é com a publicação de *O diário de um mago*, em 1987, que Paulo Coelho se torna conhecido. Na sequência, em 1988, lança *O Alquimista*, obra que teve uma vendagem inicial baixa, o que levou o primeiro editor a desistir de uma segunda edição, mas que veio a se tornar o livro da literatura brasileira mais vendido de todos os tempos. Os livros de Paulo Coelho já foram traduzidos para mais de 81 idiomas fazendo com que o autor seja o escritor brasileiro mais lido no mundo, ultrapassando Jorge Amado.

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp-Araraquara. E-mail: ivifurloni00@gmail.com

Apesar de ter sido aceito para a Academia Brasileira de Letras em 2002, o autor ainda não recebeu da crítica literária brasileira a devida atenção. Suas obras não são lidas nos cursos de Letras/ Literatura no Brasil, apesar do imenso sucesso de Paulo Coelho entre os leitores. Isso faz com que a pesquisas acadêmica em torno de sua produção seja ínfima. A professora Priscila F. do Prado (2015) fez um levantamento das dissertações e teses sobre Paulo Coelho, encontrando “duas teses, quatro dissertações e uma monografia” (2015, p. 3), e chegando à conclusão de que o autor não é lido como literatura, mesmo tendo seu espaço na ABL e sendo bem aceito pelo público.

Uma das críticas à obra de Paulo Coelho é que ela seria, na verdade, autoajuda, e não Literatura, o que justificaria sua não aceitação pela academia e crítica literária. Em seu *Dictionary of Literary Biography*, Monica Rector (2005) diz que:

A literatura brasileira também apresenta fenômenos como o caso de Paulo Coelho, um mago esotérico, com andanças sobrenaturais, intercaladas de provérbios e sentenças, e que se tornam livros de auto-ajuda para uma sociedade carente, desejosa em remediar suas lacunas diárias. Os acadêmicos contestam que não se trata de uma linguagem literária, mas de fácil acesso e digerível pelo grande público. Mesmo com estas críticas, Coelho ganhou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. (p. 372)

Durante muito tempo, inclusive, as bibliotecas catalogavam as obras do autor na seção de autoajuda, e não como literatura brasileira.

Nosso objetivo, então, é mostrar que sim, a obra de Paulo Coelho é permeada pelo discurso de autoajuda, o que se justifica inclusive pelo fato de esse discurso ter sido muito presente no século XX, mas isso não torna a obra menos literatura, visto que o discurso literário, assim como todo discurso, é atravessado interdiscursivamente por diversos discursos outros. A análise discursiva do romance *O Alquimista* busca identificar de que forma o discurso de autoajuda atravessa interdiscursivamente a obra e os efeitos estéticos que esse discurso constrói. Podemos dizer que o discurso de autoajuda baliza os acontecimentos narrativos, pois sempre que Santiago, um jovem pastor que teve um sonho repetido, esmorece na busca pelo tesouro que viu em seu sonho (na verdade, essa busca é tomada como a Lenda Pessoal da personagem, sua missão na Terra), enunciados que constituem o discurso de autoajuda são retomados na voz de outras personagens que, por sua experiência de vida e conhecimentos adquiridos,

são detentoras dos saberes de que Santiago necessita para empreender sua jornada em busca da realização pessoal.

Considerações sobre o Discurso de Autoajuda

Não é de hoje que o gênero autoajuda ocupa as prateleiras de livrarias e bibliotecas por todo o Brasil. Os primeiros livros desse gênero datam do início do século XX, mas seu sucesso ocorre mesmo no final do mesmo século, na década de 1990. O grande sucesso desses livros e o motivo de receber críticas são os mesmos: o grande uso de fórmulas que fazem o leitor crer que será capaz de realizar e conquistar o que quiser sozinho, como fazer amigos, alcançar um bom emprego e ter sucesso financeiro, conquistar pessoas, emagrecer sem esforço, enfim, os temas são os mais variados possíveis.

De acordo com Rüdger (1996), esse tipo de texto tem grande aceitação devido à crise do homem moderno e de seus valores morais, que o levam a buscar a individualidade em detrimento do social. A busca pela individualidade também se deve ao Capitalismo e ao novo sistema de organização da produção que leva à divisão do trabalho, isso instiga o indivíduo a pensar que pode tudo por si mesmo, visto que este se acredita “livre e igual” (SIMMEL apud Rüdger, 1996, p.157).

Apesar de ser uno, o indivíduo sempre esteve organizado em coletividade, e seguia o que essa coletividade entendia e pregava como moral. Não havia, então, uma moral referente ao indivíduo, mas sim uma moral do coletivo. Essas sociedades antigas se mantinham exatamente por refrear as vontades individuais, impedindo os desejos dos indivíduos. Mesmo nessas sociedades tradicionais, já havia indivíduos que buscavam a sua independência do coletivo, e assim tinham que se afastar do grupo. Hoje o que podemos perceber é que “o indivíduo moderno procura encontrar meios próprios oferecidos pela cultura na tentativa de dar conta “de si”, de “seu eu” para se manter no social de maneira estritamente individual” (CHAGAS, 2001, p. 24).

Há que se lembrar também das transformações dentro do campo religioso que acabaram levando o homem a se buscar enquanto indivíduo e não mais apenas uma parte do coletivo. Na Idade Média, o homem buscava sua salvação e felicidade na figura de Deus. Com a Reforma Protestante e as ideias renascentistas, Deus deixa de ser o centro do Universo e o homem passa a ocupar esse lugar, como bem lembra Hall

(1998). As descobertas científicas mostraram ao homem que ele era capaz de pensar por si, de questionar, investigar e que nada dependia de uma força divina, mas de si próprio.

No entanto, essa crise religiosa acaba por colocar em conflito a identidade dos indivíduos, pois eles já não se reconhecem mais, o que os torna fragmentados. Na figura de Deus, o homem encontrava conforto, seus medos eram aplacados e a crença em um lugar de felicidade plena (o Paraíso) dava ao homem certa estabilidade. Como a própria religião e o sentimento de religiosidade entraram em crise, o homem moderno também. Por isso os indivíduos vão buscar em outros lugares o conforto e a esperança de felicidade e realização.

Hoje, além da religião, existem outros meios do ser humano solucionar suas crises, seus medos, suas inseguranças e alcançar a felicidade plena e a satisfação pessoal. As discursividades de autoajuda veiculam essas formas de encontrar em si mesmo a base para obter o que se deseja. “Os conteúdos da literatura de autoajuda (...) servem, dentre outras coisas, para proporcionar ao sujeito a esperança de poder, um dia, alcançar a realização pessoal” (CHAGAS, 2001, p.26). Ora, se já não é possível encontrar a realização no espaço exterior, por que não investir na busca interior? Entendemos porque os textos de autoajuda fazem sucesso. Fazem sucesso porque orientam os indivíduos a buscarem em si mesmos os meios para a realização, ou seja, cada indivíduo possui em si os recursos para ser feliz, ter mais amigos, alcançar o sucesso, ganhar dinheiro, sempre por meio de si mesmos, pelo que Lorenzo Fischer (apud CHAGAS, 2001, p.26) chama de *meritocracia*². Ser feliz, então, só depende de cada um. O que cada indivíduo realiza (ou não) é responsabilidade de si mesmo.

Para convencer o interlocutor de que cada indivíduo encontra dentro de si as respostas para todos seus problemas, os gurus da autoajuda demonstram um posicionamento firme e seguro diante das ideias que veiculam. Segundo esses pregadores da autoajuda, é por meio dessa força interior que o indivíduo consegue a realização. Assim, só mantendo um intenso contato com seu eu-interior é que podemos alcançar nossos desejos. Mas como conciliar-se com o eu-interior? Seguindo as instruções desses gurus em seus milhares de livros, vídeos e áudios.

A função do discurso de autoajuda é orientar e incentivar o indivíduo contemporâneo, pois, como já vimos, ele está desfragmentado, sem respostas e cheio de

² A meritocracia diz respeito à capacidade que cada indivíduo tem de conseguir o que deseja, sempre a partir de si mesmo, nunca por meio de fatores externos.

perguntas. Esse discurso, por meio de seus propagadores, os gurus, transforma, segundo Chagas (2001, p. 32) “a incerteza de base, em preciosa auto-segurança.” O indivíduo, cheio de perguntas, precisa de respostas, precisa aprender como buscar em si mesmo essas respostas, como ter fé em si mesmo, como resolver seus problemas e encontrar felicidade a partir de seu próprio eu.

Não é culpa de o indivíduo buscar respostas em manuais de autoajuda. São as transformações sociais, culturais, científicas, econômicas e políticas que tornaram o mundo moderno em um lugar efêmero e instável. Essas transformações rápidas levam o indivíduo à tentativa de reconstruir para se reacomodar e não ficar à margem das mudanças. O indivíduo se recria a todo o momento, outros valores surgem, outros são abandonados, o que

acarreta, ao contrário de concepções antigas, novos modos de estar no mundo, de pensar, sentir e agir. Sendo assim, ao que se entende, parece mesmo ser esse um dos destinos do indivíduo pós-moderno, isto é: viver intensamente em busca de medidas paliativas para superar as agruras da vida, para aplacar seu mal-estar oriundo do cenário pós-moderno (CHAGAS, 2001, p. 33)

e assim o sujeito constrói para si novas identidades. O social, desfragmentado, deixa de ser colocado em primeiro plano. As características individualistas do sujeito contemporâneo são a consequência dessas transformações, pois, segundo Bauman (1998),

os homens e mulheres assombrados pela incerteza de estilo pós-moderno não carecem de pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam de reafirmação de que podem fazê-lo –e de um resumo de como fazê-lo (BAUMAN, 1998, p. 221).

Não há para onde correr, mas há os manuais de autoajuda para orientação. A saída é buscá-los. Podemos afirmar que o discurso de auto-ajuda reforça o individualismo, marca da sociedade Ocidental, ao liberar a subjetividade e apontar os desejos individuais como necessidades. No entanto, não vemos isso como algo negativo, visto que esse tipo de discurso é consequência das profundas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que marcam o século XX para ajudar o homem a se encaixar nessa sociedade desfragmentada e a lidar com os conflitos que se puseram na construção da sua identidade.

Segundo Chagas (2001, p. 38), o discurso de autoajuda “consiste em apresentar revelações atrativas referentes às *práticas de consumo* de mercadorias e de como alguém deve conduzir-se na vida para adquirir riquezas materiais e ‘se dar bem’.” Chagas (2001) entende que esse discurso prescreve maneiras de o indivíduo crescer materialmente tirando proveito das situações e das outras pessoas. Essas prescrições não se dão de maneira clara, e sim por meio de exemplos de homens bem-sucedidos, profissionais de sucesso e pessoas realizadas socialmente. Dessa forma, o que se percebe é que esse tipo de discurso veicula a ideia do que seria o ideal de sujeito adaptado socialmente, o que provoca um crescimento do egocentrismo, reforçando o individualismo.

Segundo Brunelli (2001), as manifestações discursivas de autoajuda apresentam uma estrutura bastante peculiar, na tentativa de educar os leitores. Esse tipo de discurso se constrói em torno da certeza, da afirmação, rejeitando qualquer manifestação de dúvida. Com isso pretende-se criar, nessas manifestações discursivas o “*ethos* do homem seguro, auto-confiante” (BRUNELLI, 2001, p. v). Sendo assim, só é possível realizar os sonhos se se acreditar capaz; aqueles que duvidam dessa capacidade individual ilimitada de conquistar sonhos, realmente não conseguem nada.

Para justificar sua hipótese, Brunelli (2004) promove a descrição e análise de vários livros conhecidos como textos de autoajuda, levantando os enunciados que compõem esse tipo de discursividade. Podemos perceber que a discursividade de autoajuda é marcada por enunciados com verbos na sua forma afirmativa, sem um modal, porque esse tipo de construção tem a capacidade de camuflar o sujeito-enunciador e a origem do que está sendo enunciado; além disso, a credibilidade dada a esse tipo de construção é maior, visto que a afirmação tem efeito de verdade.

Entendemos, portanto, que a ocultação da avaliação epistêmica nos enunciados em questão lhes imprime, como efeito de sentido, *uma aparente neutralidade*, aumentando-lhes o efeito de *veracidade do conteúdo asseverado* e, conseqüentemente, a credibilidade. (BRUNELLI, 2004, p. 22) (grifo da autora)

Com isso, a autora pretende comprovar sua hipótese de “que a manifestação da certeza é um dos traços semânticos desse discurso” (BRUNELLI, 2004, p. 22). Além disso, como afirma a autora, ao não citar a fonte do que se está dizendo, o enunciador

impede seu interlocutor de buscar saber se aquilo que está sendo dito é verdade ao não, e acaba por aceitar o enunciado como verdadeiro, sem questionar, visto que essa ocultação da fonte produz um efeito de sentido de que este conhecimento lançado é de conhecimento geral.

Mas há também enunciados marcados pelos modalizadores. No estudo de Brunelli (2004), o modal mais encontrado foi o verbo *poder*. Este verbo permite uma gama de significações, o que nos impele ao contexto para chegar a cada um dos significados. No discurso de autoajuda, percebemos que o enunciador afirma a todo o momento que “cada indivíduo é o responsável pelo próprio destino, pois tem o poder, a capacidade de atrair coisas boas ou ruins de acordo com a atitude mental e que, portanto, também tem o poder de mudar os aspectos da vida com os quais não está satisfeito” (BRUNELLI, 2004, p.26).

Analisando enunciados com o verbo *poder*, Brunelli (2004) chegou à conclusão de que eles são utilizados no sentido de capacidade e não possibilidade ou habilidade, que gerariam enunciados marcados pela dúvida. Como afirma a autora, apesar de podermos chegar a outros significados, o mais provável é que a ideia de que o poder esteja relacionado à capacidade, primeiro por outros enunciados que levem a essa significação; segundo porque, como já foi dito antes, o discurso de autoajuda veicula a ideia da certeza, nunca da dúvida. Não é uma possibilidade de o indivíduo conseguir mudar sua vida e alcançar o sucesso, é uma certeza: todo indivíduo é capaz, se quiser, se tiver fé, se acreditar, de mudar a própria vida e realizar seus sonhos.

O sujeito-enunciador da autoajuda se constitui como aquele que domina um conhecimento, é seguro e confiante. É por meio de seus dizeres, baseado em seu conhecimento, que o destinatário poderá se modificar e modificar sua vida. Ao criar um sujeito-enunciador seguro, o discurso de autoajuda deixa transparecer um destinatário sem rumo, desorientado, que precisa de alguém que o aconselhe e o ajude a encontrar seu caminho. Voltamos à figura do homem contemporâneo, cindido e individualista, que busca nesse tipo de discursividade a solução para seus problemas.

A discursividade de autoajuda perpetua a ideia de que pelo pensamento positivo conseguimos ser pessoas melhores e alcançar o sucesso; assim, a atitude negativa é abominada por esse tipo de discursividade que impele seus destinatários a construírem enunciados sempre com formulações positivas. Dessa forma, é preciso pensar e dizer as

palavras com clareza e objetividade para que o cérebro as compreenda, evitando expressões de dúvida e negação. Caso contrário, o indivíduo atrairá o contrário do que deseja.

Além disso, o discurso de autoajuda prega que o indivíduo tem que ser flexível, ativo e versátil, pois só assim será capaz de modificar coisas ao seu redor. Essa é uma marca textual desse tipo de discurso, visto

que explora uma grande quantidade de fontes e de gêneros: esquemas, ilustrações, testes, citações das mais distintas origens (que vão da Bíblia a Shakespeare) e pequenas narrações nas quais são contados episódios da vida do autor ou de outras pessoas. Esse procedimento ilustra de alguma forma as teses apresentadas. Dito de outro modo: há, nos textos de auto-ajuda, uma variabilidade de recursos que se sucedem com frequência. (BRUNELLI, 2004, p.58)

Esses procedimentos frequentes nos textos de autoajuda são utilizados com o intuito de reforçar aquilo que está sendo dito. Até aqui propomos uma discussão breve sobre o discurso da autoajuda, como surgiu e o porquê de sua extrema aceitação por parte do público leitor. Além disso, elencamos acima algumas das características textuais e traços semânticos que constituem o discurso de autoajuda, baseado na pesquisa de Brunelli (2004). Levando em consideração que o *corpus* proposto para análise foi escrito no final do século XIX, pretendemos mostrar como o discurso de autoajuda, muito comum a esse final de século, compõe a obra em questão, constituindo a estética dessa obra.

Para entender melhor de que forma todos os dizeres estão atravessados por diversos discursos, constituindo um movimento interdiscursivo, passaremos agora ao arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa, referencial teórico que balizou nosso estudo.

A noção de interdiscurso

Para entender a noção de interdiscurso, é preciso retomar alguns outros conceitos, como Ideologia, formação discursiva, sujeito, e refletir sobre como esses elementos se associam e se interrelacionam. De acordo com Pêcheux (1997), não é apenas pelo fator ideológico que se dá a reprodução/transformação das relações de produção, mas também, como já havia levantado Althusser, pelos fatos econômicos.

Sendo assim, não é possível esquecer a luta de classe, pois ela atravessa o modo de produção, e não se instaura em apenas um dos lados. A luta de classes está contida nos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) althusserianos.

As ideologias só se materializam e se perpetuam por meio de práticas; as ideologias não se dividem pelas classes sociais, não há a ideologia dos ricos e a dos pobres, pois se assim fosse, segundo Pêcheux (1997), teríamos que acreditar que existiriam classes antes da luta de classes. A ideologia da classe dominante se realiza por meio dos AIEs e é por meio deles que ela se torna dominante. No entanto, os AIEs não são “máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes” (PÊCHEUX, 1997, 145), os AIEs são, ao mesmo tempo, e de forma contraditória, “o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações.” (PÊCHEUX, 1997, p.145).

Cada formação social comporta um conjunto de AIEs. É esse conjunto que constitui as condições contraditórias de manutenção das ideologias. Vale ressaltar que o conjunto das AIEs é complexo, pois nem sempre “contribuem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e para sua transformação.” (PÊCHEUX, 1997, p.145). Os AIEs apresentam especialização ou região, como a religião, o saber, a política, que se concretizam em objetos ideológicos institucionais como Escola, Família, Deus, Moral, Justiça. A ideologia, então, aparece sob a forma de práticas e adquire existência sob a égide de formações ideológicas.

Não devemos confundir Ideologia com ideologia. A Ideologia é o todo complexo com dominante³ das formações ideológicas. Ela é não histórica, visto que é imutável. Já as ideologias sim, essas apresentam uma história que lhes é própria. É por existir a Ideologia no geral que podemos pensar o homem como um ser ideológico.

Ideologia e inconsciente dissimulam “sua existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’” (PÊCHEUX, 1997, p. 152-3) nas quais o sujeito se constitui. Apesar de não ter a consciência disso, o indivíduo se constitui sujeito pela Ideologia e pelo inconsciente. Tanto a ideologia quanto o inconsciente dissimulam essa existência, levando o sujeito a acreditar que ele se constitui por si só e em si mesmo. O sujeito não se constitui por ele mesmo, mas sim pela ideologia. Por isso Althusser diz que o indivíduo se torna sujeito quando é

³ Entendemos ‘todo complexo com dominante’ como a existência de várias ideologias, que não se regulam de forma simples, mas com uma que se sobrepõe às demais.

interpelado pela ideologia. O sujeito, como o sentido, não é evidente. Isso justifica a necessidade de uma teoria materialista do discurso, visto que existe um efeito ideológico nos discursos, mesmo no científico.

Desde que nasce, o indivíduo já é sujeito, pois já está sofrendo os efeitos da interpelação, uma vez que a ideologia é um “já-aí”. A identidade é resultante dessa “identificação-interpelação do sujeito, cuja origem estranha é, contudo, ‘estranhamente familiar’.” (PÊCHEUX, 1997, p. 155). O mesmo se dá com o pré-construído, o “já-dito”, que irrompe nos enunciados como um “jamais-dito”. É pelo pré-construído, então, que podemos perceber, no acontecimento discursivo, a interpelação que constitui o sujeito. O sujeito pode ter consciência da interpelação e demonstrar essa consciência por meio da ironia e de outros elementos que comprovam a heterogeneidade enunciativa. Aliás, essas heterogeneidades são marcas enunciativas do interdiscurso.

Voltando à questão da ideologia, é ela que “através do ‘hábito’ e do ‘uso’, está designando, ao mesmo tempo, o que pode e deve ser.” (PÊCHEUX, 1997, p. 159-160). É pela ideologia que se criam as identidades e é pela interpelação ideológica que cada indivíduo assume uma identidade. Da mesma forma que a ideologia evidencia o que todo mundo sabe, é ela também que evidencia o sentido das palavras ou o mascara sob o jogo da transparência.

Isso é o mesmo que dizer que o caráter material do sentido não está livre, assim como o sujeito também não; o caráter material do sentido depende do que chamamos anteriormente de todo complexo com dominante das formações ideológicas. As palavras, então, adquirem sentido de acordo com a posição em dada formação ideológica daquele que as utiliza. Lembrando que a posição se refere à formação ideológica de inscrição do sujeito. Há uma posição dentro da formação ideológica, que Pêcheux chama de formação discursiva, doravante FD. E é esta posição, ou FD, “que determina o que pode e deve ser dito.” (PÊCHEUX, 1997, p.160) Podemos concluir de tudo isso que o sentido das palavras é dado pela FD na qual estão inscritas.

É “próprio de toda formação discursiva dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso.”(PÊCHEUX, 1997, p. 162). Ao se inscrever em uma FD, o sujeito se identifica com ela a ponto de acreditar que o que produz discursivamente é seu. No entanto, é a formação discursiva que dita ao sujeito ‘o que pode e deve ser dito’. Por meio dessa inscrição/identificação é

que o sujeito chega ao sentido do discurso, acreditando que os outros sujeitos chegam ao mesmo sentido. O interdiscurso se manifesta por meio do que anteriormente Pêcheux (1997) denominou como pré-construído e articulação; é por essas duas instâncias nocionais que o interdiscurso se faz constituinte dos funcionamentos discursivos. É exatamente pelo efeito do interdiscurso que o sujeito tem a aparente sensação que é agente de suas palavras, pois “os traços daquilo que o determina” (PÊCHEUX, 1997, p.163) reaparecem em seu dizer pelo que entendemos por pré-construído.

O pré-construído, como o sempre-já-aí, impõe, sob a forma de universal, a realidade e o sentido. Já pela articulação podemos ver como o sujeito se relaciona com o sentido. O pré-construído é exterioridade; a articulação é interioridade. A substituição de palavras em uma dada FD não se dá de forma aleatória. Sempre há um porquê quando da escolha de uma palavra em detrimento de outra. Mas há momentos em que a substituição pode ocorrer sem danos para o sentido e há momentos em que não. Há casos em que uma palavra A pode substituir uma B em uma sentença sem acarretar mudanças no sentido, mas na mesma situação B não pode substituir A, senão o sentido se perde. A essas substituições Pêcheux (1997) denomina de discurso transversal, mais uma forma de manifestação do interdiscurso.

A articulação mantém relação direta com o discurso-transversal, visto que a articulação “provém da linearização do discurso-transversal no eixo do que designamos pela expressão intradiscurso, isto é, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo” (PÊCHEUX, 1997, p. 166), ou seja, o encadeamento do que é dito no processo discursivo com relação às referências dentro do funcionamento.

O discurso-transversal, como forma de funcionamento da articulação, atravessa o discurso do sujeito, conecta os elementos discursivos do pré-construído e nos dá indícios da formação discursiva pela qual o sujeito-enunciador se constitui. Dessa forma, podemos tomar o intradiscurso como “um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’.”(PÊCHEUX, 1997, p. 167). Sempre lembrando que é uma interioridade determinada pela exterioridade.

Sendo assim, podemos dizer que a forma-sujeito dissimula o interdiscurso no intradiscurso, dando ao sujeito a impressão de autonomia, como se o sujeito se identificasse com ele mesmo. O “discurso do sujeito se desenvolve e se sustenta sobre si mesmo”. (PÊCHEUX, 1997, p. 167). Os elementos de substituição, como paráfrases e

processos de reformulação são geridos pela própria FD na qual se constituem. Esse fato dá a ilusão ao sujeito, que se vê como um espelho do outro (o que Pêcheux chama também de cumplicidade). Acrescentando elementos ao interdiscurso, o que temos é um apagamento de fronteiras, dando a impressão ao sujeito de que tudo pode ser dito e de qualquer forma. A esse processo de reconhecimento de um sujeito com outros chamamos identificação.

Apesar de exterioridade, o interdiscurso se torna interioridade por meio dos mecanismos citados acima: pré-construído, articulação e discurso transversal. Por meio desses mecanismos o interdiscurso atravessa o intradiscurso, participando de sua construção. A noção de memória participa das enunciatividades por meio de pré-construídos e discursos transversos. Na reconstrução de um sentido, o sujeito sempre vai buscar apoio na exterioridade que constitui esse sentido. Ao monumentalizarem-se acontecimentos, geram-se pré-construídos que são retomados a todo momento em nossos dizeres, sem que necessariamente tenhamos consciência disso, visto que a inscrição em dada formação discursiva dá a ilusão ao sujeito de que o que ele diz é dele e não um já-dito.

Ao ler *O Alquimista* temos contato a todo momento com outros discursos, com acontecimentos já monumentalizados e que são retomados pelo sujeito-enunciador para a estética de sua obra. Esse processo de memória se opera n' *O Alquimista* por meio de movimentos interdiscursivos. Podemos retomar marcas do discurso da AA, do discurso religioso cristão, do discurso capitalista, etc. Visto que todo discurso é atravessado por outros, o que, grosso modo, constitui o interdiscurso por meio do discurso transversal e do pré-construído, propomos neste trabalho fazer uma análise de como os sentidos do discurso de autoajuda e sua enunciação perpassam a narrativa literária *O Alquimista*.

O Alquimista: análise de sequências discursivas

A nosso ver, o discurso de autoajuda transpassa, interdiscursivamente, o discurso literário na obra de Paulo Coelho, tornando-se um discurso constituinte e produzindo o que se pode chamar de 'estética coelhiana'. Ao que parece, utilizando um discurso de outro, que se caracteriza como um discurso de autoajuda, Paulo Coelho narra a vida de Santiago, um jovem pastor que, movido por um sonho, empreendeu uma longa viagem

cheia de perigos, para encontrar um tesouro. Esse discurso da autoajuda, que enreda toda a narrativa, reaparece a todo o momento, e sempre em situações em que a personagem Santiago pretende se desviar do seu objetivo: buscar seu tesouro. Todas as vezes em que Santiago pensa em desistir, enunciados do discurso de autoajuda são retomados, sempre na voz de outra personagem. Além desse enunciado-base do discurso da autoajuda, e sempre decorrente dele, outros são retomados em seus conteúdos, pelo sujeito-enunciador da narrativa para encadear as ações da personagem Santiago. Toda a ação narrativa, que compõe o discurso literário, é dada por esse discurso que transpassa o discurso literário: o discurso da autoajuda. Assim, o que temos é a estética coelhiana se construindo pelo efeito do discurso da autoajuda enquanto interdiscursividade.

Para justificar tal hipótese, retomaremos a tese de Brunelli (2004), no que se refere à construção do discurso de autoajuda, tanto em seu caráter de conteúdo quanto de forma. Todas as discursividades apresentam marcas que a caracterizam. Com as discursividades de autoajuda não poderia ser diferente. Sendo assim, Brunelli (2004) propõe uma análise das marcas discursivas da autoajuda. Utilizando o estudo proposto por Brunelli (2004), analisaremos sequências discursivas retiradas do nosso *corpus*, a saber *O Alquimista*, buscando mostrar como o discurso literário é transpassado pelo discurso de autoajuda para compor uma estética coelhiana.

Segundo Brunelli (2004),

o discurso de auto-ajuda, de uma forma geral, sustenta que o segredo para que qualquer um consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar muito dinheiro, etc. está na crença incondicional na realização dos sonhos, do projeto de vida, dos desejos, etc. Assim, quem acredita que vai conseguir, consegue e quem duvida, não. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade (BRUNELLI, 2004, p.7).

Assim, o que podemos concluir é que o discurso de autoajuda baseia-se na ênfase à capacidade inalienável de cada indivíduo que acredita, que tem fé, que busca incessantemente realizar seus sonhos. Esse é o ponto chave de desenvolvimento de toda a discursividade de autoajuda, que balizará os seus ditos nessa primeira premissa.

Todo discurso, como nos diz Pêcheux (1997), é composto por diversas formações discursivas, doravante FDs, que oferecem aos sujeitos aquilo que pode e deve ser dito. Essas FDs se constituem por enunciados possíveis que, a nossa ver,

derivam sempre de um enunciado de base, que são retomados pela memória discursiva. A partir desse enunciado de base, ou enunciado-base, outros enunciados são produzidos, mas é sempre possível voltar ao enunciado de base, partindo de um enunciado derivado.

Voltando ao estudo do discurso de autoajuda proposto por Brunelli (2004), podemos perceber que esse tipo de discurso se caracteriza por diversos outros discursos, ou seja, para se construir e validar os seus dizeres, o discurso de autoajuda coloca em funcionamento diversos discursos constituintes, como o discurso religioso, o discurso filosófico, o discurso literário. Assim, ao entrar em contato com o discurso de autoajuda, podemos perceber nele a referência a discursos outros. No entanto, há que se ressaltar que esses discursos constituintes não são o discurso de autoajuda propriamente dito, mas o constituem enquanto atravessamentos interdiscursivos.

Em meio ao discurso de autoajuda é possível perceber diversas formações discursivas operando enunciados diversos. A nosso ver, e segundo os estudos de Brunelli (2004), há uma FD da autoestima operando como a FD dominante entre as diversas FDs que compõem o discurso de autoajuda.

Assim, os indivíduos que procuram por esse tipo de discurso assumem a instância-sujeito de baixa estima, isso porque os indivíduos que procuram por esse tipo de discurso sentem-se inferiorizados por não possuírem o que desejam e o que acreditam que os faria mais felizes, como beleza física, dinheiro e bens de consumo (carros, casa luxuosas, roupas de marca), sucesso profissional, etc., e acreditam que não possuem o conhecimento necessário para adquirir o que desejam, por isso buscam ajuda naquilo em que pensam estar esse conhecimento. Os indivíduos que assumem essa instância-sujeito de baixa-estima apresentam a necessidade de ter sua autoestima trabalhada, para que consigam, então, o que desejam. O primeiro enunciado da FD da autoestima é o de valorização do indivíduo, para que ele passe a creditar em si mesmo e em seus potenciais. Podemos, então, cunhar um enunciado de base para a FD da autoestima: *todas as pessoas são capazes de conquistar o sucesso e a felicidade, basta acreditar em seu potencial*. Tomando por base o que foi dito, passemos à análise da primeira sequência discursiva:

(SD1) São as **forças** que parecem **ruins**, mas na verdade estão **ensinando** a você **como realizar** sua **Lenda Pessoal**. Estão **preparando** seu espírito e sua **vontade**, porque existe uma grande verdade neste planeta: **seja você quem for ou o que faça**, quando quer com vontade alguma coisa, é porque este desejo nasceu na **alma do Universo**. É sua **missão na Terra** (COELHO, 1995, p.25).

Separamos algumas expressões para discutir uma possível interpretação delas. A primeira expressão é *forças ruins*. Entendemos, nesse enunciado, e levando a FD da autoestima em que ele opera, como as adversidades que se dão na vida de qualquer pessoa. Quando um indivíduo deseja alcançar um objetivo, como emagrecer, fazer amigos, ter um emprego em que seja mais bem remunerado, ele deve enfrentar alguns desafios, como resistir às tentações alimentares, assumir os defeitos e mudar seus hábitos, adquirir mais conhecimento para concorrer a cargos mais bem remunerados. Tudo isso envolve mudanças: abandonar o velho, o conhecido, o cômodo, para se chegar a uma situação diferente. E por que nem todos conseguem? Porque essas adversidades são testes para se saber se o desejo do indivíduo é real ou não, ou seja, *as forças ruins* que estão *ensinando como realizar* os desejos são formas de comprovar para o próprio indivíduo se o que ele deseja é verdadeiro, pois, se o for, ele conseguirá obter o que deseja; mas, se não for um desejo forte, o indivíduo desistirá no meio do caminho.

Pela expressão *seja você quem for ou o que faça* percebemos a reiteração do fato de que qualquer pessoa, independentemente de sua classe social, nível de escolaridade ou profissão, é dotado do dom de sonhar, pois, se o desejo é realmente verdadeiro, é porque ele vem não apenas de dentro do indivíduo, mas de um lugar ainda mais profundo. Além disso, todo aquele que busca viver seus sonhos com firmeza, com fé, é capaz de conquistá-lo. Esse é o primeiro ensinamento que Santiago recebe ao *desejar* realizar um sonho. Ao vacilar em buscar as pirâmides do Egito, lugar onde ele havia visto, em sonho, um tesouro escondido, por medo de não ser capaz de chegar até ao deserto, de não ser capaz de conquistar o que deseja, um velho rei aparece para Santiago e lhe diz que todos são capazes de realizar seus sonhos, por mais difícil que eles pareçam, pois, como diz o velho, os sonhos não pertencem apenas à pessoa que sonha, mas sim a alguém ou algo ainda maior que o indivíduo: a alma do Universo. E o que seria a *alma do Universo*?

Como foi dito anteriormente, o discurso de autoajuda se vale de discursos constituintes para a sua construção. Um desses discursos é o discurso religioso, que em *O Alquimista* aparece com grande frequência, não apenas como constituinte do discurso de autoajuda, mas também do próprio discurso literário. Mais à frente faremos uma divisão mais detalhada das FDs religiosas que compõem essa discursividade literária.

Nesse momento, o que nos interessa é interpretar a expressão *alma do Universo*. Alma é aquilo que dá vida, segundo a religião cristã, ao corpo físico. Então, a alma do Universo é aquilo que dá vida a todo o Universo. Tomando ainda como base a FD religiosa-cristã que opera esse tipo de enunciado, entendemos a alma do mundo como Deus, visto ser ele, sempre segundo a FD religiosa-cristã, a força que dá vida ao Universo e a todas as coisas que o compõem. Sendo assim, os sonhos dos indivíduos não nascem deles mesmo, mas sim são cunhados por outra pessoa, no caso Deus, o que valida o sonho, pois esse não nasceu em meio ao mundano, mas sim é proveniente do divino. Sonhar, então, não é pecado, não é ofensivo a Deus, visto que foi ele mesmo quem forjou os sonhos dos homens.

Além disso, retomando ainda a FD religiosa-cristã, podemos concluir que se Deus é um pai misericordioso, ele não daria a seus filhos os sonhos se eles não fossem capazes de realizá-los. Assim, podemos concluir que, se Deus dá os sonhos, junto com eles vem a força necessária para sua realização: *todos os indivíduos são capazes de conquistar tudo aquilo que desejam*, o enunciado-base da FD da autoestima. Santiago é um jovem indeciso, que tem medo do desconhecido, e que não se sente capaz de realizar mudanças que fariam dele uma pessoa mais feliz. As transmutações que essa personagem sofre ao longo nos acontecimentos acionais são dadas pelos dizeres da autoajuda que atravessam a obra interdiscursivamente. O enunciado-base da FD da autoestima é reiterado diversas vezes ao longo do romance sempre com o intuito de relembrar Santiago de que ele é capaz de conquistar o que deseja, de alcançar seus sonhos:

(SD2) “É justamente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante”, refletiu (...). (COELHO, 1995, p.18)

(SD3) E quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo. (COELHO, 1995, p.26)

(SD4) _ Qual é a maior mentira do mundo? –indagou surpreso o rapaz.

_ É esta: em determinado momento de nossa existência perdemos o controle de nossas vidas, e ela passa a ser governada pelo destino. Esta é a maior mentira do mundo. (COELHO, 1995, p.23)

(SD5) (...) e o velho lhe falara que quando se quer uma coisa, o universo sempre conspira a favor. (COELHO, 1995, p.35)

(SD6) “Quando você quer uma coisa, todo o Universo conspira para que possa consegui-la”, dissera-lhe o velho. (COELHO, 1995, p.38)

(SD7) Não tinha um centavo no bolso, mas tinha fé na vida. (COELHO, 1995, p.39)

(SD8) “Chama-se Princípio Favorável, sorte de principiante. Porque a vida quer que você viva sua Lenda Pessoal”, falara o velho. (COELHO, 1995, p.47-8)

(SD9) “Lembre-se de saber sempre o que quer”, havia falado o velho rei. (COELHO, 1995, p.50).

(SD10) Eu não quero mais da vida. E você está me forçando a ver riquezas e horizontes que eu nunca conheci. Agora que os conheço, e que conheço minhas possibilidades imensas, vou me sentir pior do que me sentia antes. Porque sei que posso ter tudo, e não quero. (COELHO, 1995, p.51)

(SD11) “Nunca desista dos seus sonhos”, havia falado o velho rei. (COELHO, 1995, p.54)

(SD12) “Quando você deseja alguma coisa, todo o Universo conspira para que possa realizá-la”, havia falado o velho rei. (COELHO, 1995, p.54)

(SD13) Mas tudo isso acontecia por uma única razão: não importava quantas vezes tivesse que dar, a caravana seguia sempre em direção a um mesmo ponto. (COELHO, 1995, p.63)

(SD14) Mas aí entendi a palavra de Allah: ninguém sente medo do desconhecido porque qualquer pessoa é capaz de conquistar tudo o que quer e necessita. (COELHO, 1995, p. 64)

(SD15) Quando você deseja algo de todo o seu coração, você está mais próximo da Alma do Mundo. Ela é sempre uma força positiva. (COELHO, 1995, p.65)

(SD16) Só os persistentes, só aqueles que pesquisam muito, é que conseguem a Grande Obra (...) (pag.68)

(SD17) (...) seu companheiro também estava em busca de sua Lenda Pessoal. E quando alguém faz isso, o Universo todo se esforça para que a pessoa consiga o que deseja, dissera-lhe o velho rei. (COELHO, 1995, p.74)

(SD18) A coragem é o dom mais importante para quem busca a Linguagem do Mundo. (COELHO, 1995, p.88)

(SD19) Quando se quer uma coisa, todo o Universo conspira para que a pessoa consiga realizar seu sonho – disse o Alquimista, repetindo as palavras do velho rei. (COELHO, 1995, p.90)

(SD20) “Cada homem na face da Terra tem um tesouro que está esperando por ele”, disse seu coração. (...) [os homens] Acham o mundo uma coisa ameaçadora – e por causa disto o mundo se torna uma coisa ameaçadora. (COELHO, 1995, p. 101)

(SD21) “é porque sou um coração de homem, e os corações de homens são assim. Têm medo de realizar seus maiores sonhos, porque acham que não os merecem, ou não vão consegui-los. (...) (COELHO, 1995, p.100)

(SD22) Só uma coisa torna um sonho impossível: o medo de fracassar. (COELHO, 1995, p.108)

(SD23) (...) a vida é generosa com quem vive sua Lenda Pessoal (...) (COELHO, 1995, p.126).

Todas essas sequências discursivas apontam para o mesmo conteúdo da primeira, que tomamos por enunciado-base. A SD1 é dita a Santiago pelo Velho Rei, que transmite a Santiago o primeiro conhecimento que deveria adquirir com relação à realização de seu sonho: que ele era capaz, como qualquer outra pessoa, de conquistar seus sonhos, pois se esse sonho fosse realmente verdadeiro, era porque o sonho vinha de um lugar mais profundo. Como todo indivíduo pós-moderno, Santiago é inseguro, não sabe ao certo o que deseja realizar em sua vida. Mas, ao contrário da grande maioria das pessoas, que ficam estagnadas, Santiago almejou viajar o mundo e enfrentou sua família que tinha planos diferentes para ele. Assim, indo contra ao que seu pai dizia, Santiago abriu mão de um futuro certo, garantido, conhecido, para se arriscar em viagens por lugares desconhecidos e enfrentando adversidades.

No entanto, Santiago reluta em aceitar sua missão, pois não se sentia capaz de ousar um empreendimento tão grande, além de já estar acostumado à sua vida com as ovelhas, utilizando isso como desculpa para não buscar viver o que o velho rei chama de Lenda Pessoal. Santiago sonhou com um tesouro, mas tinha medo de ir atrás dele. Foi preciso que o Velho Rei surgisse e lhe dissesse que todos têm em si a força para

conquistar sonhos para que Santiago se sentisse forte, e fosse atrás de seu tesouro. Santiago assume a instância-sujeito da baixa estima: não acredita em si mesmo. Podemos perceber isso nas SDs abaixo:

(SD 24) __Não sabia que os pastores são capazes de ler livros – disse uma voz feminina a seu lado. (COELHO, 1995, p.14)

(SD 25) __E, se sabe ler, então porque é apenas um pastor? (COELHO, 1995, p. 14)

(SD 26)O rapaz não sabia onde era Salém, mas não quis perguntar para não se sentir humilhado com a própria ignorância. (COELHO, 1995, p. 24)

(SD 27) __Por que um rei conversa com um pastor? –perguntou o rapaz envergonhado e admiradíssimo. (COELHO, 1995, p.25)

(SD 28) __Ele pensou nisto – disse o velho. –Mas os pipoqueiros são mais importantes que os pastores. Os pipoqueiros têm uma casa, enquanto os pastores dormem ao relento. As pessoas preferem casar suas filhas com pipoqueiros do que com pastores. (COELHO, 1995, p.26)

(SD 29) __E você não acredita que os reis conversam com pastores –disse o rapaz, desta vez querendo encerrar a conversa. (COELHO, 1995, p.59)

No decorrer da narrativa, a força interior de Santiago vai se construindo de acordo com cada experiência vivida por ele, pois o velho rei havia lhe dito que todos os indivíduos são importantes na ordem do mundo e que Deus deu a cada um a força para realizar seus sonhos. Os dizeres que são a base do discurso de autoajuda se tornam também a base da discursividade literária de Paulo Coelho, pois são esses dizeres que desencadeiam as ações narrativas. Santiago era um mero pastor (como ele mesmo acreditava) e se torna um homem rico e que consegue se comunicar com a Alma do Mundo (Deus), ou seja, ele sai praticamente do nada e, por acreditar que tinha em si toda a força para conquistar um sonho, ele concretiza seu sonho. Podemos perceber claramente o deslocamento da instância-sujeito com baixa estima para uma instância-sujeito capaz pelos enunciados abaixo:

(SD 30) O rapaz sorriu. Nunca havia pensado que a vida pudesse ser tão importante para um pastor (COELHO, 1995, p.119).

Todos os dizeres da autoajuda são retomados pelo sujeito-enunciador, ora em seus dizeres, ora no dizer de outras personagens, cuja relevância é ajudar Santiago, para provar-lhe sua força interior e ajudá-lo a seguir sua ‘Lenda Pessoal’. A *Lenda Pessoal* é aquilo que cada indivíduo está destinado a fazer na Terra, ou seja, a missão que foi designada por Deus a cada Homem.

Conclusão

Paulo Coelho apresenta uma atitude responsiva quando cria histórias e, mais do que isso, quando nos apresenta personagens que se encontram em situações de conflito, da mesma forma que se encontra o homem contemporâneo. Suas personagens precisam de estímulos que as ajudem a enfrentar as adversidades com as quais se deparam, que podem ser das mais variadas espécies. Assim, Paulo Coelho utiliza, como recurso estético, o discurso de autoajuda, que por sua vez vem transpassado de outros discursos, visto que o discurso de autoajuda é uma bricolagem de diversos discursos constituintes, como o discurso religioso, o literário, o filosófico, para a sua construção e validação dos seus dizeres. Como recurso estético? Porque são os dizeres da autoajuda que promovem o desenvolvimento das ações narrativas: sempre que Santiago se encontra em momentos de indecisão, os dizeres da autoajuda são retomados para reavivar nele a sua força interior, que faz com que ele seja capaz de realizar tudo o que deseja.

Sendo assim, o que compõe a literariedade da obra e faz com ela seja inserida em um contexto literário, e não em outro, e que diferencia Paulo Coelho de outros autores, é a escolha por personagens que se assemelham ao ser humano em sua condição de ser desfragmentado, com dúvidas e incertezas perante a vida, infeliz, em busca da satisfação pessoal por meio da concretização de seus desejos. Por isso o discurso de autoajuda, pois é por meio dos enunciados que constituem esse tipo de discurso que Paulo Coelho põe em funcionamento as ações narrativas, ou seja, o discurso da autoajuda surge para balizar os acontecimentos narrativos e as ações da personagem Santiago, o herói.

Referências

- BRUNELLI, Ana Flora. Tese de Doutorado. "O SUCESSO ESTÁ EM SUAS MÃOS": ANÁLISE DO DISCURSO DE AUTO-AJUDA. Campinas (SP), Fevereiro/2004. disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000317261>> Acesso: 23 de julho de 2019.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BAKHTIN, M. *Questões de Estética e Literatura*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.
- CHAGAS, A. *A Ilusão no Discurso da Auto-ajuda e o Sintoma Social*. 2 ed. Revisada – Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.

FURLONI, Ivi. O atravessamento interdiscursivo da autoajuda no discurso literário de Paulo Coelho. Dossiê em homenagem ao Professor Dr. João Bôsko Cabral dos Santos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p. 90-109, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

COELHO, P. *O Alquimista*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CORSO, M. *Uma investigação sobre a influencia da literatura de auto-ajuda*. Porto Alegre : O Continente, 1994.

MORAIS, F. *O Mago*. São Paulo: Editora Planeta, 2008. PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso. Uma crítica à Afirmação do Óbvio*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PRADO, P. F. do. *Entre o silenciamento e a aclamação: discursos sobre Paulo Coelho*. In: IV Fórum das Licenciaturas/VI Encontro do PIBID/II Encontro PRODOCÊNCIA – Diálogos entre licenciaturas: demandas da contemporaneidade – UNICENTRO, 2015.

RECTOR, Monica. Dictionary of Literary Biography. Brazilian Writers. (co-editor Fred Clark). Farmington Hills, MI: The Gale Group, 2005.

RÜDIGER, F. *Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo*. Porto Alegre, RGS: Ed. Da Universidade / UFRGS, 1996.

SALEM, T. *Manuais modernos de auto-ajuda: uma análise antropológica sobre a noção de pessoa e suas perturbações*. Rio de Janeiro: IMS, 1992.

SANTOS, J.B.C. “Reflexões discursivas em torno da essência sêmica dos enunciados e seu uso no ensino de produção escrita”. In: *Categorias e práticas de análise de discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE-UFGM, 2000).

SANTOS, J.B.C. “Entremeios da Análise do Discurso com a Linguística Aplicada” In: Fernandes, C.A. & SANTOS, J.B.C. *Percursos de Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz, 2007.

Site oficial de Paulo Coelho. Disponível em: www.paulocoelho.com.br. Último acesso em: 03 de julho de 2019.

Recebido em junho de 2019.

Aceito em agosto de 2019.